

# **Do Rio das Mortes ao Oeste e Sul de Minas: diferenciação regional e níveis de riqueza nos inventários *post-mortem* (1815-1888)**

Prof. Dr. Isaac Cassemiro Ribeiro<sup>1\*</sup>

## **Resumo:**

No presente artigo, apresentamos aspectos da diferenciação socioeconômica interna do território da antiga Comarca do Rio das Mortes, em fins do século XVIII e, sobretudo, no decorrer do século XIX. Mais especificamente as regiões do Oeste e do Sul de Minas. Para tal, abordaremos dois municípios expressivos de cada uma delas: Formiga e Alfenas. A historiografia indica muitas semelhanças nas estruturas socioeconômicas de ambas as regiões, voltadas para a agropecuária de abastecimento interno. Nossa hipótese era que, a partir da década de 1860, com a gradativa introdução da grande lavoura cafeeira voltada para a agroexportação, o Sul de Minas passaria por modificações nos níveis e na concentração da riqueza. Surpreendentemente, a análise comparativa dos inventários *post-mortem* de ambas as localidades demonstra que essas mudanças foram em grau muito abaixo do que imaginávamos. Como veremos, nas primeiras três décadas da introdução da cafeicultura, mais que grandes riquezas, ela garantiu a manutenção e reprodução dos padrões de concentração perante a crise do escravismo. Analisamos também os quantitativos de pessoas escravizadas. Constatamos, em ambas as regiões, a impressionante conservação do dito “padrão mineiro”, prevalecendo as escravarias com até 5 indivíduos.

## **Palavras-chave:**

História Regional; Níveis de Riqueza; História da Escravidão.

---

<sup>1\*</sup> Pós-doutor em História pela Universidade de São Paulo - USP (2025); Doutor em História pela UFMG (2019), com estágio doutoral na Universidade de Lisboa (2017-2018). Mestre em História pela Universidade Federal de São João del-Rei (2014), licenciatura em Filosofia pela mesma universidade (2009). É professor de História no Instituto Federal do Sul de Minas Gerais - IFSULDEMINAS, *campus* Machado. Fundador e coordenador do Grupo de Pesquisas em Cultura Material - GPCM. E-mail: isaac.ribeiro7@gmail.com

## 1. Introdução

O presente artigo se embasa em resultados parciais de uma pesquisa de pós-doutorado,<sup>2</sup> bem como nos resultados finais de investigações desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisas em Cultura Material – GPCM, sediado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS), *campus* Machado.<sup>3</sup> Como fruto dos referidos projetos, foi desenvolvido um banco de dados que registra a riqueza avaliada por meio dos montes-mores e o número de escravos arrolados nos inventários *post-mortem* oriundos dos antigos acervos dos Fóruns dos municípios Alfenas, Formiga e Machado. Tais documentos foram recolhidos e constituem parte do acervo custodiado pela “Coordenação de Arquivo Permanente” (COARPE), do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), que disponibiliza catálogo *online* com dados referentes à documentação.<sup>4</sup> Grande volume dos inventários foi digitalizado em louvável parceria entre o TJMG e o site *FamilySearch*, sendo parcialmente disponibilizado *online*.<sup>5</sup> O acesso virtual ao conjunto de toda documentação no referido *site* possibilita pesquisas e análises seriais e quantitativas em prazo relativamente curto<sup>6</sup>, e com equipe reduzida, como a que empreendemos para o presente trabalho. Por outro lado, o acesso presencial e parcial aos acervos torna inviáveis as pesquisas seriais e quantitativas em curto e médio prazo, com recursos humanos e financeiros reduzidos.<sup>7</sup>

---

<sup>2</sup> Projeto intitulado “O Machado e o Café: vínculos entre a cafeicultura local e a economia global (MG, 1870 – 1970)”, desenvolvido pelo autor na Universidade de São Paulo (USP), entre dezembro de 2024 e dezembro de 2025, sob supervisão do professor Dr. Rafael de Bivar Marquese.

<sup>3</sup> Dentre os vários projetos de iniciação científica, destacamos aquele intitulado “Do Rio das Mortes ao Oeste e Sul de Minas: diferenciação regional, níveis de riqueza e distribuição fundiária (1777-1888)”, aprovado no EDITAL N° 26/2023 – IFSULDEMINAS, *campus* Machado. A pesquisa e a montagem do banco de dados foram desenvolvidas pelo discente do curso de Sistemas de Informação, o Me. Juliano de Melo Gregório, a quem agradeço pelo empenho.

<sup>4</sup> <https://drive.google.com/drive/folders/152nBoY8EfYG8kaeRMg12PQ7Ghpp-AH11> (acesso: agosto de 2026).

<sup>5</sup> <https://www.familysearch.org/pt/records/images> (acesso: agosto de 2026).

<sup>6</sup> Quando realizamos a pesquisa em 2024, o site *FamilySearch* disponibilizava integralmente as imagens digitalizadas dos inventários. Ao cadastrarmos os documentos em nosso banco de dados, inserimos os links das capas dos inventários como referência de acesso. Infelizmente, no presente momento, foi restringido o acesso às imagens das capas e alguns dos primeiros fólios desses documentos. A indisponibilidade dessas imagens dificulta o acesso retrospectivo aos inventários cadastrados e o cadastro de novos documentos no banco de dados.

<sup>7</sup> Alguns inventários dos acervos que consultamos, solicitados individualmente por usuários, também estão disponíveis na Plataforma Acervo Minas Justiça, criada pela Superintendência

A partir da análise dos dados dos inventários, objetivou-se elucidar diferenciações socioeconômicas internas do território da antiga Comarca do Rio das Mortes, em fins do século XVIII e, sobretudo, no decorrer do século XIX. Mais especificamente, o surgimento de duas regiões provenientes dessa comarca, o Oeste e o Sul de Minas. A historiografia indica muitas semelhanças nas estruturas socioeconômicas entre elas, precocemente especializadas na agropecuária de abastecimento interno. A partir da década de 1860, no Sul de Minas, houve a introdução gradativa da lavoura cafeeira voltada para a agroexportação (Ribeiro, 2024). Nossa hipótese era que, a partir dessa década, a região passaria por modificações nos níveis e na concentração da riqueza. Surpreendentemente, a análise comparativa dos inventários post-mortem de ambas as localidades demonstra que as mudanças foram em grau muito abaixo do que imaginávamos. Como veremos, nas primeiras três décadas, mais que grandes riquezas, a produção dessa commodity garantiu a manutenção e reprodução dos padrões de concentração perante a crise do escravismo.

## **2. Do Rio das Mortes ao Oeste e Sul de Minas: diferenciações regionais em uma antiga comarca**

A Coroa Portuguesa, com o intuito de melhor administrar o território da capitania de Minas Gerais, criou, ao sul, a comarca do Rio das Mortes no ano de 1714, tendo como sede a vila de São João del-Rei. Posteriormente, a historiografia designaria essa comarca genericamente como o “Sul de Minas” (Lenharo, 1979).

Nas primeiras décadas do século XVIII, a região mais ao sul da capitania passou a ser denominada como as “Minas do Rio Verde” (ANDRADE, 2014, p. 34). De acordo com Marcos Andrade, “todos os memorialistas da região são enfáticos em afirmar que a cidade da Campanha é o 'berço do Sul de Minas'”, devido à sua importância política e econômica, “mas também por ser a mais antiga da região e ter sido a sede da comarca do Rio Sapucaí a partir de 1833”

---

da Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes (EJEF) para possibilitar e facilitar a preservação e o acesso aos documentos de guarda permanente do TJMG. <https://acervominasjustica.tjmg.jus.br/index.php/> (acesso: agosto de 2026).

(Andrade, 2014, p. 33). Na primeira metade do século XIX, o número de freguesias de Campanha multiplicou-se, sobretudo no território em expansão, com terras mais planas, a oeste do Rio Sapucaí. É nesta área que surgiu um dos municípios que investigamos no presente artigo: Alfenas. Sua origem vincula-se à capela erguida no início do século XIX, dedicada à N. Sr.<sup>a</sup> das Dores (Barbosa, 1995, p. 21). A freguesia de Alfenas foi criada posteriormente, em 1832. O povoado cresceu e foi elevado à vila somente em 1860 (Barbosa, 1995, p. 21). Nove anos depois, a vila foi elevada à condição de cidade. É justamente nesse momento, a partir da década de 1860, que parte do Sul de Minas gradativamente voltará sua produção para a lavoura de café destinada à agroexportação (Ribeiro, 2024).

Ainda no começo do Oitocentos, entre Alfenas e Campanha, surgiu o povoado de Machado, cuja capela foi edificada em 1816 (Rebello, 2006, p. 46). Seu território pertenceria a Alfenas até 1880, quando o distrito se emancipou e foi elevado a vila. Um ano depois foi criada a cidade de Machado. Para maior representatividade das amostras adiante analisadas, aglutinamos os dados dos inventários de Alfenas e Machado.

O território do atual Oeste de Minas, por sua vez, surgiu em grande parte do que foi o Oeste da Comarca do Rio das Mortes, mais especificamente, do seu recorte que abrangia, ao sudoeste, a antiga vila de Tamanduá (atual Itapecerica).<sup>8</sup> Foi entre a abertura do caminho conhecido como “Picada de Goiás” (1736) e a dispersão dos “Quilombos do Campo Grande (1744 – 1769)”, que surgiram as primeiras fazendas nos arredores do futuro arraial de Formiga, que deu origem ao segundo município que investigamos neste artigo. O pedido para a construção da capela se deu no ano de 1765 (Paula Sobrinho, 2007, v.1, p. 256).<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Ao noroeste, a região derivou-se da vila de Pitangui, que pertencia à Comarca de Sabará. Entre 1707 e 1708, ocorreram os levantes Emboabas (Guerra dos Emboabas), que colocaram fim à hegemonia paulista no território das Minas. Muitos sertanistas de São Paulo fugiram da área central mineradora e buscaram novos achados. Foi justamente dessa dispersão que surgiram os arraiais auríferos de Pitangui (elevada a vila em 1715) e São Bento do Tamanduá (Itapecerica) (este último descoberto em 1739 e elevado a vila em 1789). Ambos são os mais antigos povoados do Oeste de Minas.

<sup>9</sup> O arraial surgiu, provavelmente, depois desta data, quando começou a edificação da capela de São Vicente Férrer, vinculada à paróquia de São Bento do Tamanduá (FONSECA, 2017, p. 167). Administrativamente, toda freguesia de Tamanduá pertencia à vila de São José del-Rei (Tiradentes), que, por sua vez, integrava a Comarca do Rio das Mortes, cuja cabeça (sede) era a vila de São João del-Rei.

Em 1789, no rescaldo da Conjuração Mineira (Inconfidência), o arraial de São Bento do Tamanduá foi elevado à vila (constituindo uma municipalidade). A partir de então, conquistou maior autonomia, contando com Senado da Câmara e um juiz próprio. A capela de Formiga seria elevada a freguesia, conquistando certa independência somente no Período Imperial, em 1832. No âmbito civil, o arraial de Formiga obteve emancipação administrativa em 1839, quando a localidade foi elevada à vila, denominando-se Vila Nova da Formiga. A criação da cidade de Formiga se deu vinte e um anos depois, em 1858 (Paula Sobrinho, 2005, v. 1, p. 327).

Em comum com o Sul de Minas, além das origens na Comarca do Rio das Mortes, ambas as regiões foram inicialmente colonizadas por sertanistas de São Paulo e abrigaram os Quilombos do Campo Grande, dispersados na primeira metade do século XVIII. No que se refere à formação econômica regional, tanto o Sul quanto o Oeste de Minas tiveram atividades minerárias pouco expressivas, voltando-se cedo para a agricultura e pecuária destinadas ao abastecimento do mercado interno (Andrade, 2008; Ribeiro, 2014). Todavia, a historiografia pouco estudou as mudanças ocorridas após a chegada do café no Sul de Minas. Portanto, esse trabalho se coloca junto às primeiras tentativas de entender tais transformações (Saes & Martins, 2012; Rodrigues, 2023; Ribeiro, 2024; Ribeiro, 2026).

No banco de dados<sup>10</sup> em que baseamos nossas análises estão atualmente registrados 2.573 inventários *post-mortem* do acervo custodiado pela COARP-TJMG, e com cópias digitais hospedadas na plataforma do “FamilySearch”. O recorte temporal dos documentos cadastrados vai de 1815 a 1922, abrangendo os antigos acervos dos fóruns de Formiga, Alfenas, Machado, Manhuaçu e Cataguases.<sup>11</sup>

Antes de analisar os indicadores socioeconômicos inferidos a partir do banco de dados, é preciso expor as escolhas metodológicas adotadas neste estudo. As análises são norteadas, em um primeiro momento, pela categorização da riqueza total de cada processo obtida por meio dos

---

<sup>10</sup> No que se refere aos aspectos técnicos de estruturação do banco de dados nos quais baseamos nossas análises, ele possui três entidades, modeladas de acordo com o escopo dos projetos e as características dos inventários *post-mortem*. As entidades são: identificação, bens móveis e bens de raiz.

<sup>11</sup> Começamos a estudar estes dois últimos municípios em projetos recentes, ainda em andamento.

montes-mores (soma de todos os bens dos inventários). A análise temporal dos montes-mores implicou o procedimento de deflação. Os valores apresentados nos inventários, originalmente em real antigo (Rs), unidade monetária utilizada no Brasil desde sua colonização até outubro de 1942, foram deflacionados em libras esterlinas (£) — moeda mais estável.<sup>12</sup>

Uma vez deflacionados, os valores dos montes-mores foram categorizados, como demonstrado a seguir, em 6 faixas de fortuna (Tabelas 2 a 5).<sup>13</sup> A primeira dessas categorias compreende valores de monte-mor até 499 libras esterlinas. A segunda, valores entre 500 e 999 libras. Os valores entre 1.000 e 1.999 libras fazem parte da terceira categoria. Tem-se no quarto patamar cabedais que somam entre 2.000 e 2.999 libras. Ao passo que a quinta categoria inclui montes-mor avaliados entre 3.000 e 5.000 libras. Por fim, as riquezas maiores ou iguais a 5.001 libras são agrupadas na última faixa de fortuna.

**Tabela 1** – Quantitativo dos inventários analisados (Formiga, Alfenas e Machado, 1840 – 1888)

| Acervo de Origem | Nº de inventários analisados | %       |
|------------------|------------------------------|---------|
| Formiga          | 837                          | 52,02%  |
| Alfenas          | 710                          | 44,13%  |
| Machado          | 62                           | 3,85%   |
| Total            | 1.609                        | 100,00% |

**Fonte:** Banco de Dados Inventários. Acervo CORAPE-TJMG.

Excetuando os processos que, por algum motivo, não apresentam autos de partilha e/ou descrição de bens, e também aqueles anteriores à década de 1840, o universo amostral do estudo dos montes-mores foi constituído por 1609, conforme a Tabela 1.

<sup>12</sup> As taxas de câmbio utilizadas no processo de conversão são provenientes do periódico “Estatísticas históricas do Brasil”, publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

<sup>13</sup> Essa classificação foi elaborada com base na tese de doutoramento “O café no sudoeste mineiro”, defendida pelo pesquisador João Lucas Rodrigues (2023, p. 201). Nesse estudo pioneiro de história econômica e social, Rodrigues examinou como a cultura cafeeira foi responsável por transformar as dinâmicas socioeconômicas na região de Guaxupé, Sul de Minas Gerais, entre os anos de 1869 e 1930.

### 3. Uma surpresa nos inventários: o café enriqueceu menos do que se imaginava

Contrariamente ao que se poderia imaginar, os dados gerais dos inventários não denotam grandes modificações na concentração e nos níveis de riqueza de Alfenas e Machado após a década de 1860, quando a onda cafeeira atingiu a região. A maior participação percentual por faixa de riqueza na soma dos monte-mores dessas localidades se deu na década de 1850, antes da expansão cafeeira, quando aqueles que possuíam fortunas acima de 5 mil libras detinham 51,8% da riqueza inventariada (ver Tabela 2, Gráfico 1). A concentração de riqueza viria a se aproximar desse patamar apenas na última década abordada, 1880, quando representaram 49,10% da soma dos montes-mores. Neste momento, já refletindo os resultados da produção daquela commodity.

**Tabela 2** - Percentual da participação total das faixas de riqueza nas somas dos monte-mores por décadas (Alfenas e Machado, 1840 – 1888)

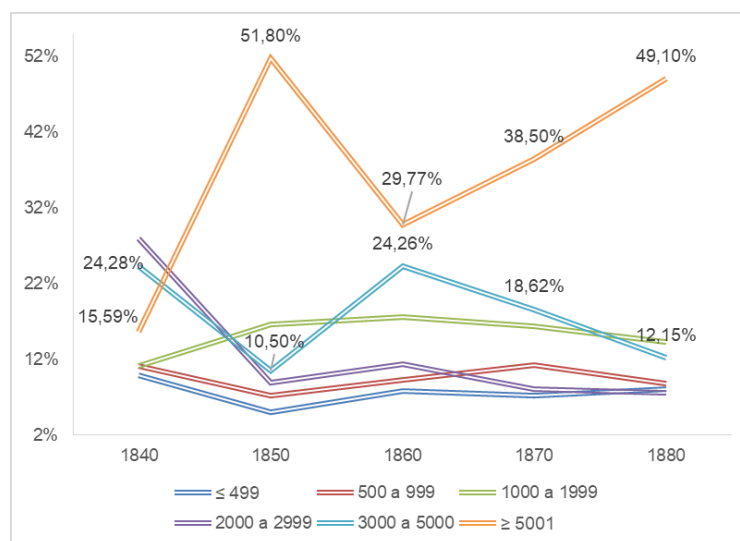
| Faixas de Riqueza | 1840    | 1850    | 1860    | 1870    | 1880    |
|-------------------|---------|---------|---------|---------|---------|
| ≤ 499             | 9,85%   | 4,98%   | 7,80%   | 7,25%   | 8,06%   |
| 500 a 999         | 11,14%  | 7,25%   | 9,26%   | 11,20%  | 8,75%   |
| 1.000 a 1.999     | 11,13%  | 16,59%  | 17,59%  | 16,33%  | 14,32%  |
| 2.000 a 2.999     | 28,01%  | 8,89%   | 11,33%  | 8,11%   | 7,62%   |
| 3.000 a 5.000     | 24,28%  | 10,50%  | 24,26%  | 18,62%  | 12,15%  |
| ≥ 5.001           | 15,59%  | 51,80%  | 29,77%  | 38,50%  | 49,10%  |
| total             | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |

**Fonte:** Banco de Dados Inventários. Acervo CORAPE-TJMG.

Observamos que o pico do agrupamento patrimonial no topo da pirâmide econômica ocorreu antes do auge da expansão cafeeira, na década de 1850. Essa concentração inicial estava vinculada às estruturas agropastoris tradicionais (pecuária, criação de muares e abastecimento interno) e ao controle de mão de obra escravizada e de terras na fase de consolidação dos

municípios de Alfenas e Machado (Ribeiro, 2024). A introdução do café ao longo das décadas de 1860 e 1870 reorganizou a base produtiva, mas não alterou de forma drástica os patamares máximos de desigualdade que a região já havia experimentado nos anos 1850.

**Gráfico 1** – Evolução do percentual da participação das faixas de riqueza nas somas dos monte-mores por décadas (Alfenas e Machado, 1840 – 1888)



**Fonte:** Banco de Dados Inventários. Acervo CORAPE-TJMG.

Quanto aos níveis de riqueza, o percentual de inventários de Alfenas e Machado com fortunas superiores a 5 mil libras também atingiu seu auge na década de 1850 (10,7%), decaindo nas duas décadas seguintes (ver Tabela 3, Gráfico 2). As maiores riquezas inventariadas cresceriam, mas a patamares inferiores (8,8%), somente na última década do recorte, refletindo já a produção cafeeira. Por sua vez, o segundo nível inferior de fortunas (aquelas entre £ 500 e £ 999) cresceu na década de 1870, chegando a 22,7% dos inventários, mas decaiu na década seguinte, justamente quando os maiores patamares voltaram a subir. Essa correlação pode estar ligada aos investimentos que pequenos e médios proprietários empreenderam na formação de acanhados cafezais, com a expectativa dos lucros vindouros que a nova cultura prometia.

Na década de 1880, deu-se o retorno das maiores fortunas ao patamar histórico da concentração de aproximadamente a metade da riqueza inventariada (49,10%, ver gráfico 1), movimento que refletiu a maturação dos

investimentos na cafeicultura mercantil. Neste ponto final do Período Imperial, o café consolidou a posição das grandes propriedades rurais da região de Alfenas e Machado, compensando as flutuações e reorganizações patrimoniais das décadas intermediárias (1860 e 1870). A grande lavoura exportadora atuou como o novo sustentáculo da hiperconcentração dos monte-mores, redefinindo o perfil da elite agrária nas vésperas da Abolição da Escravatura (1888) e da Proclamação da República (1889).

Na perspectiva da cadeia internacional da produção, comercialização e consumo do café, esse momento marcaria o fim do que Rafael de Bivar Marquese teorizou como a “terceira economia global do café” (1790 - 1888). A primeira se desenvolveu com produção camponesa a partir do lêmén, tendo como mercado consumidor a economia-mundo mercantil-tributária do Império Otomano, aproximadamente de 1550 a 1720. A segunda emergiu com a entrada das forças da economia-mundo capitalista europeia no mercado do café, entre 1650 e 1815, baseada na agricultura de plantations escravistas e no crescimento do mercado consumidor europeu. A terceira fase, por sua vez, foi marcada pela intensificação do trabalho escravo, sobre bases nacionais, no recém-independente Império do Brasil, inserindo-se na economia-mundo capitalista sob a hegemonia britânica e seus princípios de livre comércio (Marquese, 2023, p. 27).

Quando contrastados com os dados de Formiga, no Oeste de Minas (Gráfico 3), os resultados reforçam uma distinção importante entre as duas regiões. Em Alfenas e Machado, a estrutura agrária já havia gerado um pico de acumulação extrema de capital em 1850 (mantido/recomposto pelo café em 1880). Em Formiga, a concentração no topo seguiu um caminho contínuo de ascensão gradual, atingindo a faixa de 51,90% dos montes apenas na década de 1870, com leve decaída nos anos finais do recorte temporal (49,58%). A análise denota que, embora o café tenha sido decisivo para reconfigurar e manter a hegemonia da elite agrária sul-mineira nos anos 1880, a elevada concentração da riqueza já era um traço estrutural preexistente na região da antiga Comarca do Rio das Mortes.

Quando se observa a participação percentual das fortunas superiores a 5 mil libras na soma dos monte-mores, nota-se que, após uma queda na década de 1860, em Alfenas e Machado elas sobem constantemente nas duas

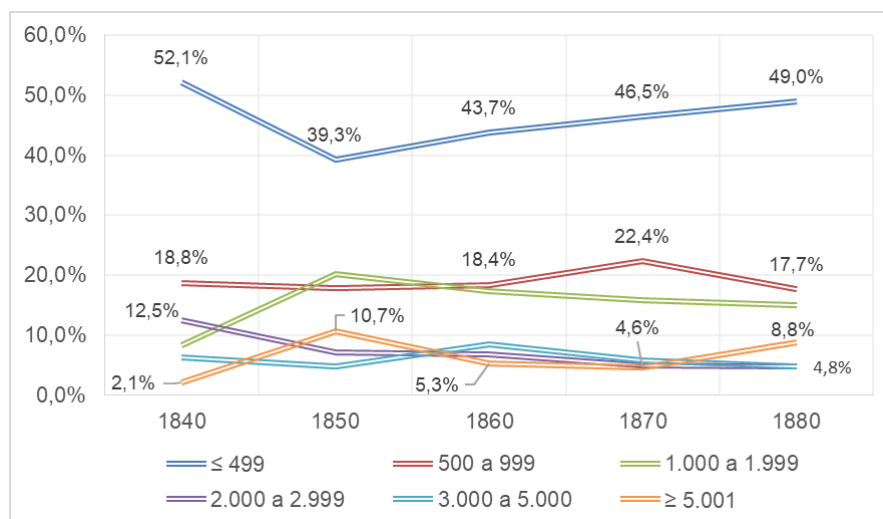
décadas seguintes (ver Tabela 2, Gráfico 1). Como vimos, essa dinâmica indica que a riqueza inventariada tendeu a se reconcentrar, porém não atingiu o patamar de 1850 (51,08%). Ao mesmo tempo, a participação das fortunas entre £ 3.000 e £ 5.000 caiu a patamares inferiores aos da década de 1860 (de 24,26% para 12,15% na década de 1880).

**Tabela 3** – Total e percentual de inventários por faixas de riqueza e décadas (Alfenas e Machado, 1840 – 1888)

| Faixa de fortuna | 1840      |            | 1850      |            | 1860       |            | 1870       |            | 1880       |            |
|------------------|-----------|------------|-----------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|                  | Invt.     | %          | Invt.     | %          | Invt.      | %          | Invt.      | %          | Invt.      | %          |
| ≤ 499            | 25        | 52,1       | 33        | 39,3       | 83         | 43,7       | 112        | 46,5       | 72         | 49,0       |
| 500 a 999        | 9         | 18,8       | 15        | 17,9       | 35         | 18,4       | 54         | 22,4       | 26         | 17,7       |
| 1.000 a 1.999    | 4         | 8,3        | 17        | 20,2       | 33         | 17,4       | 38         | 15,8       | 22         | 15,0       |
| 2.000 a 2.999    | 6         | 12,5       | 6         | 7,1        | 13         | 6,8        | 12         | 5,0        | 7          | 4,8        |
| 3.000 a 5.000    | 3         | 6,3        | 4         | 4,8        | 16         | 8,4        | 14         | 5,8        | 7          | 4,8        |
| ≥ 5.001          | 1         | 2,1        | 9         | 10,7       | 10         | 5,3        | 11         | 4,6        | 13         | 8,8        |
| <b>TOTAL</b>     | <b>48</b> | <b>100</b> | <b>84</b> | <b>100</b> | <b>190</b> | <b>100</b> | <b>241</b> | <b>100</b> | <b>147</b> | <b>100</b> |

**Fonte:** Banco de Dados Inventários. Acervo CORAPE-TJMG.

**Gráfico 2** – Evolução do percentual de inventários por faixas de riqueza em libras (Alfenas e Machado, 1840 – 1888)



**Fonte:** Banco de Dados Inventários. Acervo CORAPE-TJMG.

Até o último quartel do século, as lavouras de café da região de Alfenas e Machado eram muito pequenas, voltadas sobretudo para o abastecimento local. Somente a partir de 1877 começaram a surgir médias e grandes plantações nos inventários de Alfenas e Machado (Ribeiro, 2024, p. 84). Tais elementos implicam que a chegada da lavoura de exportação, mesmo que não tenha alavancado fortunas exorbitantes nas primeiras décadas, serviu como uma alternativa econômica para as elites sul-mineiras manterem seus patamares de riqueza no período de crise do escravismo.

Nominalmente, a maior fortuna encontrada na região de Alfenas e Machado foi aquela registrada quando do falecimento de Francisco Ferreira de Assis, que, no ano de 1875, somou o valor de 194:076\$508 (£ 20.843,79). O inventariado era cafeicultor de pequeno porte. O grosso de sua riqueza se concentrava em ativos vinculados à tradicional economia mineira de abastecimento interno.

**Tabela 4** – Percentual da participação total das faixas de riqueza nas somas dos monte-mores por décadas (Formiga, 1840 – 1888)

| Faixas de Riqueza | 1840   | 1850   | 1860   | 1870   | 1880   |
|-------------------|--------|--------|--------|--------|--------|
| ≤ 499             | 20,05% | 10,58% | 8,40%  | 8,41%  | 9,87%  |
| 500 a 999         | 17,93% | 8,91%  | 12,30% | 9,07%  | 9,62%  |
| 1.000 a 1.999     | 19,11% | 20,09% | 16,44% | 13,10% | 18,87% |

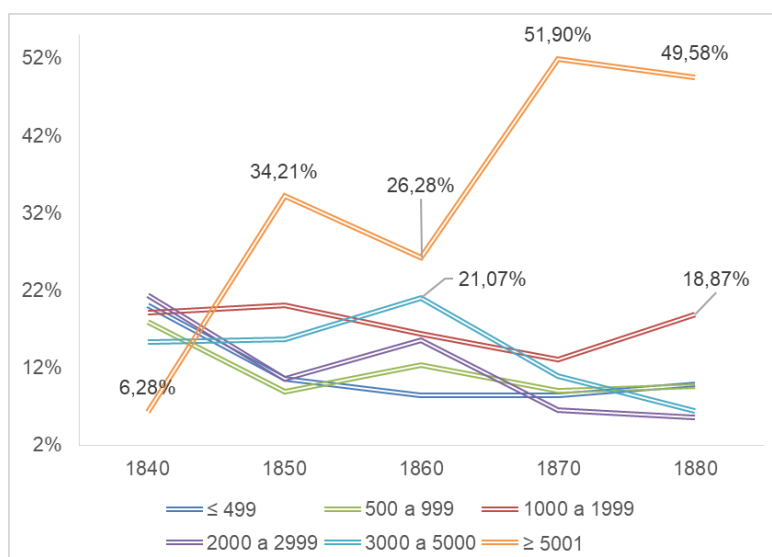
|                  |         |         |         |         |         |
|------------------|---------|---------|---------|---------|---------|
| 2.000 a<br>2.999 | 21,35%  | 10,58%  | 15,51%  | 6,56%   | 5,63%   |
| 3.000 a<br>5.000 | 15,28%  | 15,62%  | 21,07%  | 10,96%  | 6,43%   |
| ≥ 5.001          | 6,28%   | 34,21%  | 26,28%  | 51,90%  | 49,58%  |
| total            | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |

**Fonte:** Banco de Dados Inventários. Acervo CORAPE-TJMG.

Em comparação, para a região de Formiga, a maior riqueza registrada foi a de Manoel Justino da Silva, em 1876, com monte-mor bruto de 421:712\$415 (£ 44.744), mais de duas vezes superior àquela registrada para Alfenas e Machado. Entre os cinco inventariados cadastrados no banco de dados com fortunas superiores a 20 mil libras, quatro eram de Formiga, onde a cafeicultura de exportação não marcou presença. Somente um deles era de Alfenas, não constando nenhum de Machado. Portanto, no que tange aos níveis de riqueza, a chegada do café no referido recorte do Sul de Minas não efetivou grandes impactos.

A composição e a escala das fortunas do topo entre essas localidades eram distintas. Alfenas e Machado apresentavam uma elite cafeeira/agropastoril mais numerosa e homogênea em fortunas de médio a grande porte (entre 5.000 e 20.000 libras), enquanto Formiga abrigava "megafortunas" individuais oriundas do setor agropastoril e de mercado de abastecimento tradicional.

**Gráfico 3** - Evolução do percentual da participação das faixas de riqueza nas somas dos monte-mores por décadas (Formiga, 1840 – 1888)



**Fonte:** Banco de Dados Inventários. Acervo CORAPE-TJMG.

No que se refere aos valores inventariados em Formiga (ver Tabela 4, Gráfico 3), notamos que o auge da concentração de riqueza se deu na década de 1870, dois decênios após Alfenas e Machado. Nesse período, a participação percentual das fortunas maiores que 5 mil libras na soma dos motes-mores chegou a 51,9%, porém, no último período analisado, ela caiu para 49,58%. Sem a alternativa da produção cafeeira, parece que à elite forminguense as opções para a manutenção das maiores fortunas se tornaram mais restritas.

Quanto ao percentual de inventários por faixas de riqueza no decorrer do tempo, assim como em Alfenas e Machado, nota-se em Formiga a predominância das menores fortunas, oscilando entre 47,3% e 66,0% dos inventários (ver Gráfico 4). Todavia, diferente daquelas localidades, em Formiga, entre as décadas de 1840 e 1860, observou-se uma queda expressiva na proporção da menor faixa (de 66,0% para 47,3%). Simultaneamente, a faixa seguinte, de 500 a 999 libras, atingiu seu ápice em 1860, alcançando 21,0% dos inventários. Esse movimento foi acompanhado por uma ligeira elevação/estabilização das faixas de riqueza subsequentes (a de 2.000 a 2.999 libras chegou a 7,2%, sua maior participação percentual no recorte estudado). No mesmo período, o topo da hierarquia econômica chegou a seu segundo pior patamar (3%). Essa oscilação sugere que houve maior difusão ou ascensão patrimonial intermediária no Oeste de Minas em meados do século XIX.

**Tabela 5** - Total e percentual de inventários por faixas de riqueza e décadas (Formiga, 1840 – 1888)

| Faixa de fortuna | 1840       |             | 1850       |             | 1860       |             | 1870       |             | 1880       |             |
|------------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|
|                  | Invt.      | %           | Invt.      | %           | Invt.      | %           | Invt.      | %           | Invt.      | %           |
| ≤ 499            | 97         | 66,0%       | 92         | 55,4%       | 79         | 47,3%       | 118        | 57,6%       | 93         | 61,2%       |
| 500 a 999        | 23         | 15,6%       | 25         | 15,1%       | 35         | 21,0%       | 35         | 17,1%       | 22         | 14,5%       |
| 1.000 a 1.999    | 13         | 8,8%        | 26         | 15,7%       | 23         | 13,8%       | 26         | 12,7%       | 22         | 14,5%       |
| 2.000 a 2.999    | 9          | 6,1%        | 8          | 4,8%        | 13         | 7,8%        | 8          | 3,9%        | 4          | 2,6%        |
| 3.000 a 5.000    | 4          | 2,7%        | 8          | 4,8%        | 12         | 7,2%        | 8          | 3,9%        | 3          | 2,0%        |
| ≥ 5.001          | 1          | 0,7%        | 7          | 4,2%        | 5          | 3,0%        | 10         | 4,9%        | 8          | 5,3%        |
| <b>TOTAL</b>     | <b>147</b> | <b>100%</b> | <b>166</b> | <b>100%</b> | <b>167</b> | <b>100%</b> | <b>205</b> | <b>100%</b> | <b>152</b> | <b>100%</b> |

**Fonte:** Banco de Dados Inventários. Acervo CORAPE-TJMG.

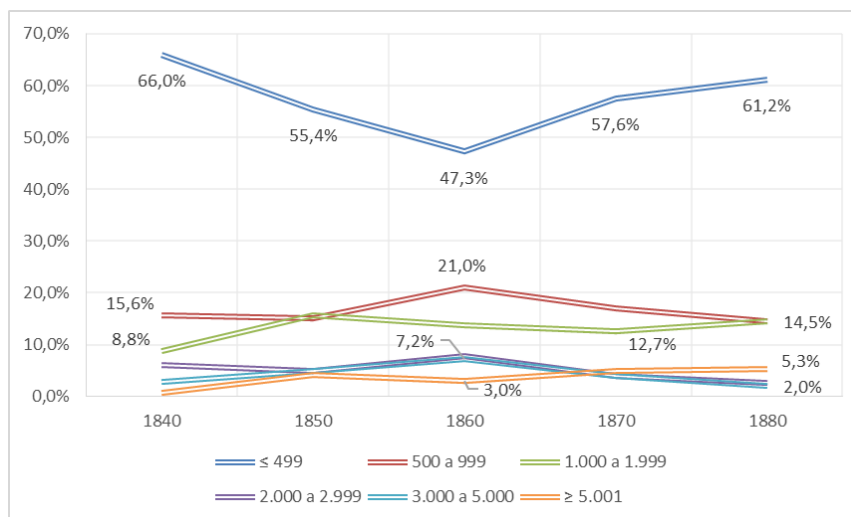
A partir de 1860, a faixa de menor patrimônio em Formiga volta a crescer sucessivamente, atingindo 57,6% dos inventários em 1870 e 61,2% na década de 1880. Por seu turno, a faixa correspondente às maiores fortunas exibiu tendência de crescimento contínuo e gradual ao longo de quase todo o período, saindo do patamar mais baixo em 1840 (0,7%) até atingir nível próximo a 5% nas décadas finais deste estudo.

A queda da participação da maior faixa de riqueza nos monte-mores formiguenses (de 51,9% na década de 1870 para 49,58% nos anos 1880) expõe os limites estruturais do modelo agropastoril tradicional diante das transformações do final do século. Sem a inserção nos circuitos do comércio exterior, a elite de Formiga ficou dependente das flutuações do mercado doméstico e da capacidade de consumo regional.

A elevação concomitante dos dois extremos de patamares de riqueza (gráfico 4) indica o esvaziamento progressivo das camadas intermediárias formiguenses. Em termos de representatividade relativa, o topo da pirâmide acumulou frações cada vez maiores do capital, enquanto a base da população

inventariada tornou-se proporcionalmente mais expressiva e desprovida de bens de grande valor.

**Gráfico 4** – Evolução do percentual de inventários por faixas de riqueza em libras (Formiga, 1840 – 1888)



**Fonte:** Banco de Dados Inventários. Acervo CORAPE-TJMG.

Os dados revelam que, embora a economia tradicional de abastecimento interno em Formiga tenha sido capaz de produzir as maiores fortunas individuais absolutas das duas regiões estudadas (como as superiores a 20 mil e 40 mil libras), ela carecia de sustentabilidade para manter esse nível de hiperconcentração no longo prazo sem se diversificar.

Em contrapartida, a cafeicultura no Sul de Minas (Alfenas e Machado), embora não tenha gerado "megafortunas" pontuais da mesma escala individual que Formiga, ofereceu o mecanismo estrutural e permanente necessário para reacumular capital e sustentar a hegemonia da elite agrária na transição para o trabalho livre e a República.

Por fim, na comparação entre os gráficos 1 a 4, fica evidente que a concentração de riqueza em Alfenas e Machado, nos níveis acima de 5.001 libras, se deu constantemente justo no período de expansão da cafeicultura de exportação. Não é uma coincidência. Em Formiga, pelo contrário, com a aproximação do fim do regime escravista, a manutenção de uma economia voltada para o mercado de abastecimento, sem alternativas como a cafeicultura de exportação, as grandes fortunas começaram a decair na década de 1880.

Vale atentar que Formiga não se inseriu no movimento de expansão da cafeicultura que atingiu o Sul de Minas por estar em uma área do Oeste de Minas mais distante das ferrovias construídas no período aqui estudado, além de ter seu território constituído em grande parte pelo cerrado, onde a cultura do cafeeiro naquela época era muito pouco viável. Nesse mesmo período, algumas localidades do Oeste de Minas, como Oliveira e São Antônio do Amparo, também iniciaram a produção de café para exportação. Aquelas localidades estavam mais próximas da Estrada de Ferro Dom Pedro II, com estação inaugurada em Juiz de Fora no ano de 1875, e em São João del-Rei em 1881. No que se refere ao aspecto ambiental, a região de Oliveira contava com terrenos de altitudes mais elevadas, melhores para cafeicultura quando comparados com o território de Formiga, com relevo mais baixo.

#### **4. Conservadorismo em dois contextos:** perda de braços para o tráfico e a estabilidade do “padrão mineiro”

O quantitativo de pessoas escravizadas que foram registradas nos inventários das localidades aqui abordadas, para os anos de 1820 a 1888, demonstra o predomínio de pequenas escravarias (de 1 a 5 escravos) (ver tabelas 6 e 7, gráficos 5 e 6). Ambas as regiões se caracterizavam pelo amplo predomínio desse padrão, largamente disseminado em Minas durante a primeira metade do século XIX, como demonstrou Douglas Libby (1988, p. 98). Em Alfenas e Machado, os inventariados com 1 a 5 cativos oscilaram entre 42,50% (1850) e 63,83% (1880). Em Formiga, variou de 46,15% (1820) a 62,77% (1870). Na maior parte do período estudado, em Alfenas e Machado, a proporção de inventariados que possuíam ao menos um escravo manteve-se muito elevada, entre 76,42% e 89,66%. Em Formiga, o acesso à posse de cativos foi percentualmente menor, variando entre 61,34% e 74,49%.

Ao longo da segunda metade do século XIX, ambas as regiões apresentaram expansão no percentual das menores escravarias, refletindo a pulverização da mão de obra cativa na província de Minas durante as fases finais do regime escravista. Na década de 1880, houve uma retração generalizada no peso proporcional das grandes escravarias em relação aos picos de meados do século. Esse fenômeno pode estar associado ao

encarecimento do cativo no tráfico interprovincial, ao envelhecimento dos plantéis e à proximidade da Abolição (1888). Por sua vez, a faixa de escravarias médias (6 a 10 escravos) manteve relativa estabilidade em ambas as localidades, oscilando predominantemente na casa dos 19% a 25% entre 1840 e 1880.

**Tabela 6** – Percentual das faixas de posse de escravos por décadas em Alfenas e Machado (1820 – 1888)

| Faixas | 1820    | 1830    | 1840    | 1850    | 1860    | 1870    | 1880    |
|--------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| > 10   | 33,33%  | 7,14%   | 30,77%  | 35,00%  | 23,27%  | 24,18%  | 13,83%  |
| 6 a 10 | 11,11%  | 21,43%  | 25,64%  | 22,50%  | 23,27%  | 20,33%  | 22,34%  |
| 1 a 5  | 55,56%  | 71,43%  | 43,59%  | 42,50%  | 53,46%  | 55,49%  | 63,83%  |
| > 0    | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| 0      | 18,18%  | 17,65%  | 10,34%  | 10,61%  | 10,67%  | 19,82%  | 23,58%  |
| > 0    | 81,82%  | 82,35%  | 89,66%  | 89,39%  | 89,33%  | 80,18%  | 76,42%  |
| Total  | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |

**Fonte:** Banco de Dados Inventários. Acervo CORAPE-TJMG.

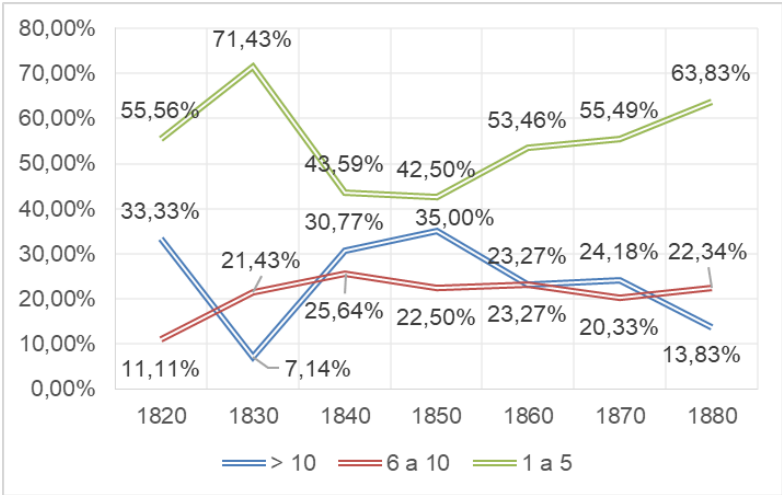
Formiga apresentou, em todas as décadas, uma proporção significativamente maior de inventários sem nenhum escravo (entre 25,51% e 38,66%) em comparação a Alfenas e Machado (entre 10,34% e 23,58%). Isso indica um acesso mais difundido à mão de obra cativa na região sul-mineira.

Em Alfenas e Machado, o peso das grandes escravarias teve seu auge em 1850 (35,00%), período de consolidação das estruturas agropastoris tradicionais e de transição para a cafeicultura mercantil. A partir de 1860, essa faixa sofreu uma queda acentuada, atingindo 13,83% em 1880 (ver Gráfico 5). No Oeste de Minas, surpreendentemente, a proporção das grandes escravarias manteve maior regularidade ao longo das décadas (oscilando em torno de 18% a 24%), fechando a década de 1880 em patamar superior aos de Alfenas e Machado (19,18% contra 13,83%) (ver Gráfico 6).

Essa dinâmica denota que, embora o advento da cafeicultura em Alfenas e Machado tenha reconfigurado e sustentado a riqueza da elite agrária nos anos 1880, isso não se traduziu na manutenção de grandes plantéis concentrados. O que os inventários apresentam é uma transição gradual e a

pulverização dos cativos antes do fim definitivo da escravidão. Isso talvez tenha se dado devido à proximidade entre o Sul de Minas e o Oeste Paulista,<sup>14</sup> a maior zona de expansão da cafeicultura nacional na década de 1880, e absorvia grandes contingentes de escravos provenientes do tráfico interprovincial.

**Gráfico 5 –** Evolução do percentual das faixas de posse de escravos por décadas em Alfenas e Machado (1820 – 1888)



**Fonte:** Banco de Dados Inventários. Acervo CORAPE-TJMG.

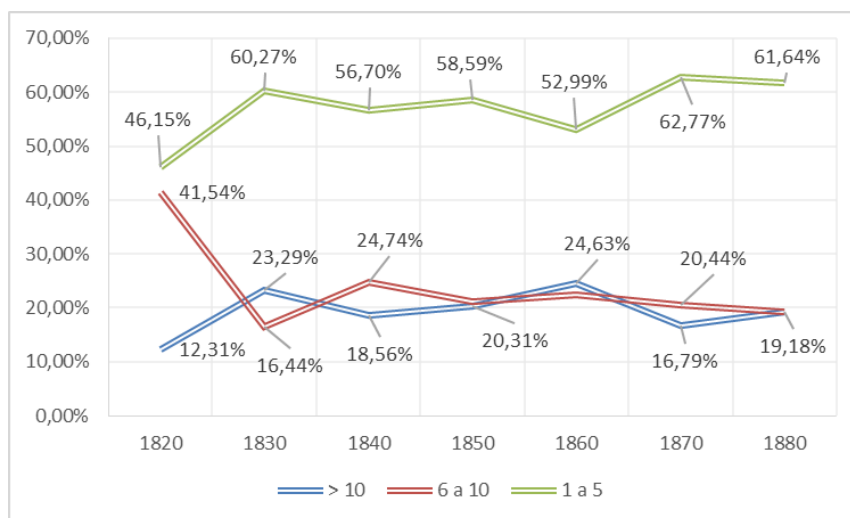
**Tabela 7 –** Percentual das faixas de posse de escravos por décadas em Formiga (1820 – 1888)

| Faixas | 1820    | 1830    | 1840    | 1850    | 1860    | 1870    | 1880    |
|--------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| > 10   | 12,31%  | 23,29%  | 18,56%  | 20,31%  | 24,63%  | 16,79%  | 19,18%  |
| 6 a 10 | 41,54%  | 16,44%  | 24,74%  | 21,09%  | 22,39%  | 20,44%  | 19,18%  |
| 1 a 5  | 46,15%  | 60,27%  | 56,70%  | 58,59%  | 52,99%  | 62,77%  | 61,64%  |
| > 0    | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| 0      | 32,99%  | 25,51%  | 36,18%  | 32,98%  | 28,34%  | 34,76%  | 38,66%  |
| > 0    | 67,01%  | 74,49%  | 63,82%  | 67,02%  | 71,66%  | 65,24%  | 61,34%  |
| Total  | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 100,00% |

**Fonte:** Banco de Dados Inventários. Acervo CORAPE-TJMG.

<sup>14</sup> Em projeto de extensão realizado no âmbito do GPCM, identificamos e transcrevemos dois livros com transações de escravos (compras, vendas e trocas) pertencentes ao acervo da Casa de Cultura de Machado. Transcrevemos e elaboramos um banco de dados com as informações contidas neles. Analisando os registros, constata-se que cerca de 15% dos compradores provinham de localidades paulistanas. Esses números podem ter sido maiores em Alfenas, onde a propriedade escrava era mais pulverizada que em Machado (Ribeiro, 2024).

**Gráfico 6 – Evolução do percentual das faixas de posse de escravos por décadas em Formiga (1820 – 1888)**



**Fonte:** Banco de Dados Inventários. Acervo CORAPE-TJMG.

A estabilidade do padrão escravista mineiro no Oeste de Minas espanta. Sugere que, mesmo diante da instabilidade econômica das décadas de 1850 e 1860, bem como da crise do escravismo, as hierarquias econômicas e sociais baseadas no abastecimento interno se conservaram em patamares muito estáveis. A força de reprodução do modelo agropastoril tradicional mineiro se manifestou claramente na manutenção das faixas de escravarias em Formiga, onde os grandes plantéis (com mais de 10 escravos) se conservaram praticamente estáveis entre 1840 e 1880 (oscilando de 18,56% a 24,63%, ver Gráfico 6). Ao mesmo tempo, a proporção de inventários com escravos permaneceu ao redor de 61% a 74% (ver Tabela 7), constando sempre aproximadamente 50% deles como pequenos senhores de escravos (com até cinco cativos).

## 5. Considerações Finais

Contrariando a hipótese inicial, ao analisar as diferenciações socioeconômicas no Oeste (Formiga) e Sul de Minas (Alfenas e Machado), constatamos que a introdução da cafeicultura de exportação não causou transformações drásticas na concentração e nos níveis de riqueza sul mineiros. Enquanto Formiga abrigou megafortunas pontuais do mercado interno, o café

no Sul garantiu a recomposição e a manutenção das elites diante da crise do escravismo. Em ambas as regiões predominaram pequenas escravarias (1 a 5 cativos), e ao mesmo tempo a concentração da maior parte da riqueza inventariada se manteve no topo, entre aqueles com mais de 5.001 (sobretudo na segunda metade do século). Destaca-se, portanto, a estabilidade e conservação dos padrões de extrema desigualdade, mesmo em adversas, como o fim do tráfico negreiro internacional (1850) e a crise do escravismo. Parafraseando John Wirth em seu clássico estudo sobre Minas na federação Brasileira: “a amarga pobreza” nessas cidades era entendida como “um fato fixo e rotineiro. Na sociedade tradicional, o abismo entre ricos e pobres não se tratava de um desafio; servia antes para legitimizar a ordem social” (Wirth, 1982, p. 119).

Por fim, cabe destacar que este artigo é apenas uma abordagem inicial de comportamentos econômicos suscitados por uma hipótese que se mostrou, como vimos, falha. A riqueza da documentação e do banco de dados, associados a um diálogo acurado com problemas diversos da historiografia permite uma gama de análises que, por restrições de espaço do texto, e tempo de análise, não puderam ser apresentadas no artigo. Destaca-se também a extrema importância da disponibilização *online* de *acervos completos* para realização de pesquisas seriais e quantitativas céleres e com equipes reduzidas, viabilizando análises historiográficas abrangentes que seriam inviáveis no acesso presencial e parcial.

#### **4. Referências Bibliográficas**

- ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Elites regionais e a formação do estado imperial brasileiro: Minas Gerais - Campanha da Princesa (1799-1850)*. 2ª Ed. Belo Horizonte, Fino Traço: 2014.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico e Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1995.
- LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil, 1808-1842*. São Paulo: Símbolo, 1979.
- LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e Trabalho em uma economia escravista, Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

- MARQUESE, Rafael de Bivar. *Asymmetrical Dependencies in the Making of a Global Commodity: Coffee in the Longue Durée*. Berlin: EB Verlag, 2023.
- PAULA SOBRINHO, José Francisco de. *A Formação Histórica das Comunidades no Brasil: Estudo da Criação do Arraial de São Vicente Férrer da Formiga*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Del Rey, 2007. (8 Vols.).
- REBELLO, Ricardo Moreira. *O município de Machado até a virada do milênio*. Machado: s. d., 2006. (2 Vols.).
- RIBEIRO, Isaac Cassemiro. Concentração e desconcentração fundiária no município de Machado. *Revista Cadernos do Ceom*, v. 39, n. 64, p. 41–62, 16 jun. 2026.
- RIBEIRO, Isaac Cassemiro. *Os primeiros pés de café e a introdução da cafeicultura no Sudoeste de Minas* (Alfenas e Machado, 1860-1888). In: SOUZA, Ricardo Luiz de; CARLAN, Cláudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo Abreu [Orgs.] *Sul de Minas e café: convivência, prosa e cultura*. São Carlos (SP): Pedro & João Editores, 2024.
- RODRIGUES, João Lucas. *O café no sudoeste mineiro: terra, trabalho e acumulação* (1880-1930). 2023. 267 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
- SAES, Alexandre Macchione; MARTINS, Marcos Lobato (Orgs.). *Sul de Minas em transição: a formação do capitalismo na passagem para o século 20*. Bauru (SP): EDUSC, 2012.
- WIRTH, John D. *O Fiel da Balança: Minas Gerais na Federação Brasileira* (1889 - 1937). Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.